

Ilegalismos na fronteira franco-brasileira: garimpos clandestinos na Guiana Francesa e suas conexões com economia legal do Oiapoque.

Jania Perla Diógenes de Aquino¹-UFC

(Primeiro autor)

Joana Domingues Vargas²-UFRJ

Introdução

A fronteira franco-brasileira possui 730 km de extensão, constitui o maior perímetro limdeiro da República Francesa e a única região limítrofe entre América do Sul e União Europeia. Do lado brasileiro está situada no estado do Amapá, abrangendo dentre outros os municípios de Laranjal do Jari e Oiapoque, e do lado francês corresponde à Guiana Francesa, departamento ultramarino da França³. A maior parte desta linha de fronteira corresponde a reservas indígenas e parques nacionais, o trecho onde são recorrentes trânsitos e intercâmbios entre as populações dos dois países limítrofes se verifica nas proximidades das "cidades-gêmeas", Oiapoque no Brasil e Saint-Georges-de-l'Oyapock, na Guiana Francesa, que estão separados apenas pelo rio Oiapoque. A travessia entre o município brasileiro e a comuna francesa dura poucos minutos e é percorrida por centenas de pessoas, cotidianamente, a bordo de pequenas embarcações a motor, localmente denominadas catraias. O tráfego internacional no leito do rio Oiapoque costuma ser bastante intenso⁴. Devido a restrições e exigências

¹ Professora do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará.

² Professora do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Rio Janeiro

³ Após a segunda Guerra mundial, as colônias da França não localizadas no continente europeu puderam escolher entre se tornar independentes ou mudar de condição no âmbito República Francesa. A Guiana Francesa optou por se tornar um departamento ultramarino em 1946 (junto com Guadalupe, Martinica e Reunião, outras ex-colônias) e atualmente constitui um prolongamento territorial da Europa pela assimilação socioeconômica e legislativa. Tal processo de descolonização sem independência foi admitido pela ONU e na Guiana Francesa vigoram patamar de salários, leis trabalhistas e de previdência social franceses (Granger 2011). Permanecendo sob as diretrizes institucionais da França, o governador colonial foi substituído por um *prefet*, que recebe ordem na capital, como em qualquer departamento da França metropolitana, e têm o papel de aproximar a Guiana Francesa de Paris. Foram também instituídas unidades administrativas menores denominadas comunas que têm certa semelhança, porém atribuições administrativas diferentes, dos municípios brasileiros. Leis, decretos e programas escolares que vigoram na Guiana são elaborados na França, e os funcionários públicos com funções mais importantes são franceses. (Silva, 2013)

⁴ Situada há mais de quinhentos quilômetros da capital do Amapá, Oiapoque tem mais relações com terras com comunas e cidades guianenses do que com Macapá. Moradores da sede e distritos de Oiapoque costumam comprar bebidas, armas, munições e eletrodomésticos em Saint Georges. Guianenses comprar alimentos, sobretudo, carne fresca e cigarros, que na França são muito mais caros do que no Brasil.

burocráticas impostas, sobretudo pela França (que, a partir de meados dos anos 2000, tem dificultado e até reprimido a entrada de brasileiros em seu departamento ultramarino) tais fluxos e interações ocorrem principalmente de modo ilegal.

Dezenas de catraias circulam durante o dia e a noite pelo rio Oiapoque e são vitais para o funcionamento da cidade com o mesmo nome. Uma parcela considerável destas embarcações que partem de Oiapoque em direção à Guiana Francesa se dirigem a variados pontos às margens do rio que dão acesso a centenas de garimpos ilegais, espalhados pelas florestas e montanhas da Guiana Francesa. São transportados pessoas, alimentos, utensílios domésticos e equipamentos para mineração, ambições, sonhos e esperança de uma vida melhor por parte dos que se engajam nos garimpos. Estes percursos também são atravessados por violências e variadas modalidades de ilegalismos.

O governo da Guiana Francesa estima que, atualmente, funcionam em suas florestas e montanhas cerca de 479 garimpos clandestinos, nestes estariam trabalhando aproximadamente 10.000 brasileiros em situação ilegal. Desde meados dos anos de 1990 tem sido recorrente os trânsitos e migrações para este pedaço da França na América do Sul com a finalidade de se engajarem na mineração ilegal. A partir dos anos 2000, devido os recorrentes aumentos da cotação do ouro no mercado internacional, a presença brasileira no país vizinho multiplicou-se.

Este *paper* problematiza as conexões e pontos de contatos entre garimpos clandestinos na Guiana Francesa e atividades comerciais legais no município do Oiapoque. Como se dão as idas e vindas de garimpeiros e outros personagens nos garimpos entre a cidade do Oiapoque e a Guiana Francesa? Que vínculos se observa entre o comércio legal do Oiapoque e os garimpos ilegais na Guiana Francesa? Como o ouro trazido daquele departamento francês é inserido no mercado Brasileiro? Como se esboça estas redes de relações envolvendo atividades lícitas e ilícitas? Como os garimpeiros e a mineração ilegal na Guiana Francesa são vistos pela população do Oiapoque? Que avaliações morais lhes são endereçadas?

Os dados e questões apresentados neste texto se baseiam em variadas fontes e ferramentas de pesquisa. No primeiro semestre de 2013 fizemos trabalho de campo no Oiapoque por duas semanas. Nossa ida ao município foi possibilitada pela pesquisa *Segurança Pública nas Fronteiras*, coordenada pelo Núcleo de Estudos da Cidadania e

da Violência Urbana-NECVU da UFRJ e a Secretária Nacional de Segurança Pública-SENASP. Tratou-se de um grande levantamento das atividades criminais e as instituições de Segurança Pública e da Justiça em toda a faixa de fronteira do Brasil. Encarregadas de pesquisar a região limítrofe da Guiana Francesa com o estado do Amapá, no município do Oiapoque aplicamos questionários junto às personagens e instituições encarregadas da Segurança Pública (tais como Polícia Civil, Polícia Militar, Bombeiros, Perícia Forense, Polícia Federal, Polícia Rodoviária Federal), do Poder Judiciário e da Sociedade Civil (Comarca, Fóruns e Ministério Público). Também realizamos entrevistas e grupos focais com moradores do município. Além, disto acompanhamos o encontro do ENAFRON que se realizou em Oiapoque por ocasião do trabalho de campo e isto nos permitiu ter acesso à PAF *Police Aux Frontières*. Embora tenha sido uma pesquisa com escopo bastante amplo, foi possível obter importantes dados sobre a mineração ilegal e movimentação de pessoas e mercadorias entre Oiapoque e a Amazônia guianense. Ademais, registramos em caderno de campo observações e narrativas que nos foram apresentadas por moradores do município em conversas informais. Posteriormente, no primeiro semestre de 2016 realiamos um levantamento sobre os garimpos clandestinos na Guiana Francesa junto a jornais do Brasil e de França, junto a blogs e vídeos publicados no site *youtube*. Também obtivemos um importante material de pesquisa em comunidades e fóruns de discussões na rede social *facebook*. A partir destas comunidades e fóruns pudemos, novamente, realiar entrevistas e conversar informalmente com brasileiros residentes no Oiapoque e na Guiana Francesa, utilizando o programa *skype*. Deste modo, conseguimos reunir um importante conjunto de informações e narrativas.

1) Garimpos brasileiros na Guiana Francesa: o legal e o ilegal.

De acordo com estimativas oficiais da governo da França, somente 20% do ouro extraído naquele território ultramarino é resultante da mineração legal, os garimpos clandestinos seriam responsáveis por cerca de 10 toneladas anuais do mineral. O ouro guianense seria pilhado por garimpeiros brasileiros, contrabandeado para o Oiapoque e inserido no mercado nacional, a partir dos postos de compra de ouro na cidade em um processo que envolve variadas etapas e agentes.

Considerando que a França exige visto a brasileiros que queiram adentrar o seu território ultramarino, aqueles que se dirigem para os garimpos ao entrarem em solo estrangeiro sem permissão ou conhecimento de suas autoridades, efetivamente, invadem o país vizinho. A atividade mineradora se realiza amparada pela lei na Guiana Francesa quando uma pessoa física ou jurídica obtêm do governo autorização para fazer a prospecção e exploração mineral de uma determinada faixa de terra, cuja extensão e localização devem estar precisamente definidas. Neste departamento ultramarino da França, assim como no Brasil, a mineração legal é dominada por ricas empresas multinacionais, são raros os pequenos e médios mineradores ou cooperativas de trabalhadores que conseguem obter concessões de governos para explorar legalmente o ouro⁵.

Nos garimpos legais, como em outras empresas, os custos e lucros concernentes a prospecção do mineral são do proprietário. Os trabalhadores destas empresas são operários, têm salário fixo e carteira assinada. Um de nossos interlocutores de campo, que trabalhou para uma multinacional da mineração na Guiana Francesa nos anos de 1990, ressaltou que a empresa foi quem regularizou sua situação no país, providenciando junto às autoridades francesas seu visto de permanência para trabalho. Segundo seu Francisco, que atualmente reside em Laranjal do Jari, no Amapá e trabalha como mototaxista, quando funcionário da mineradora recebia salário mensalmente e sua jornada de trabalho era de 40 horas semanais. Vejamos um trecho de sua fala:

O trabalho era durante o dia, a noite era pra descanso. A gente não tinha nada a temer, se um policial chegasse era só mostrar o papel da empresa e pronto.

Se os garimpos legais têm semelhanças com as condições e a rotina de trabalho de outras empresas, os garimpos ilegais formam um universo a parte e têm como desdobramentos variadas situações inusitadas. Riscos e infrações das leis do país vizinho permeiam o cotidiano de seus protagonistas. São raros nas florestas guianenses,

⁵ A Constituição brasileira de 1988 prescreve como modelo para exploração dos minerais em solo nacional, a organização dos trabalhadores em cooperativas. No estado do Amapá, o único garimpo que segue esta prescrição está localizado no município de Lourenço, onde trabalhadores cooperativados se mobilizam para conseguir a autorização para explorar determinadas jazidas, dividindo entre eles despesas e ganhos.

garimpeiros que se embrenham sozinhos nas matas e leitos de rios, trabalhando individualmente com equipamentos leves e de baixo custo. Os que encaram este desafio costumam utilizar uma máquina de pequeno porte equipada com detector de metal. Conhecida como "piu-piu", a tal máquina emitiria um ruído específico quando identifica ouro em suas proximidades. Mesmo assim, os perigos de adentrar sozinho a floresta são maiores do que quando a procura pelo ouro ocorre junto com outras pessoas. Segundo alguns dos nossos interlocutores, os que garimpam sozinhos estão mais expostos a quadrilhas que adentram a floresta no intuito de assaltar de garimpeiros. De acordo com Jocélio, um garimpeiro de 32 anos:

É mais difícil, tanto é difícil de achar o ouro como é difícil ele ficar mais tempo no mato. Se for carregar comida sozinho, é um trambolho grande. Quanto menos dia você fica, menos ouro você faz, o ouro de um dia não dar pra fazer nada. Pra ter um bom apurado tem que ficar ao menos um mês. Ficar só ou andar com mais um ou dois, é mais difícil. Tem muita gente armada tomando ouro de quem encontra, existe até mesmo outros garimpeiro que faz isso, eles vindo em muitos, e achando um desgarrado, se o cabra tiver ouro eles vão depenar.

Tendo em vista a dificuldade de prospectar o ouro sozinho a maior parte dos que ganham a vida com a mineração ilegal estão aglutinados em garimpos grandes ou pequenos. São mais numerosos os garimpos menores que reúnem de dez a vinte pessoas, mas também são recorrentes os garimpos com centenas de trabalhadores. Ambos se organizam clandestinamente no meio da mata.

Embora os donos dos garimpos ilegais nunca sejam mencionados pelos garimpeiros e outros personagens da mineração ilegal, alguns dos nossos entrevistados afirmaram que se tratam de empresários, comerciantes e até políticos do Oiapoque e de outros municípios do Amapá. Segundo eles, estas pessoas não vão a Guiana Francesa e comandam o negócio a partir de "homens de confiança" que acompanham toda a rotina do garimpo. Eles pagam todo o maquinário e equipamentos necessário para exploração do mineral, bem como a estrutura no meio da floresta que possibilita a estadia dos trabalhadores. Os donos costumam ficar com 70% da produção mineral, ficando cada garimpeiro com apenas 30% do que ouro que conseguem encontrar. De acordo com seu

Tião, um garimpeiro de 67 anos, que já trabalhou em pelo menos cinco garimpos na Guiana:

O dono não aparece lá não, ele manda em tudo daqui do Brasil mesmo, eles bota gente de confiança lá dentro, eles comanda tudo lá dentro, a hora de começar, de terminar, quem acha alguma coisa eles já sabe. Toda hora o patrão daqui fala com o gerente lá, eles fala pelo rádio. Ai diz o apurado e eles já tem comprador aqui garantido, ai é só correr para o abraço. É dinheiro demais que eles ganham.

Embora a maior parte dos garimpeiros brasileiros nos garimpos clandestinos na Guiana Francesa sejam compostas por amapaenses, maranhenses e paraenses, chegam ao Oiapoque pessoas de todas as regiões do país, no intuito de cruzar a fronteira e se engajar na mineração ilegal. De acordo com alguns dos nossos interlocutores, que também nos mostraram fotos e vídeos feitos no celular, a estrutura dos garimpos ilegais é precária e não oferece conforto. Geralmente, são montados grandes barracões cobertos com lona que funcionam como local para refeições e dormitório dos seus moradores. Tais alojamentos costumam ser equipados com fogões, *frizer*, TV, antena parabólica e rádio de comunicação. Alguns trabalhadores levam suas esposas e filhos, mas a maior parte vai aos garimpos sozinha, por isso quase sempre há uma cozinheira encarregada de preparar as refeições de todos. Embora a jornada de trabalho seja longa, chegando por vezes a vinte e quatro horas diárias e as acomodações dos garimpeiros sejam modestas, os geradores levados para floresta permitem o funcionamento de alguns eletrodomésticos e meios de comunicação. Considerando que na maior parte dos garimpos não há sinal ou redes que possibilitem o uso do celular, o contato com o Brasil é feito por meio de frequências de rádio amadores.

Devido ao isolamento nas matas do país vizinho, um dos garimpeiros com quem conversamos enfatizou a solidão e a monotonia no cotidiano dos garimpos, sobretudo durante a noite nos garimpos menores:

A gente tira um dinheirim bom, muito melhor do que aqui fora, mas é sofrimento ficar lá. Eu já tive em um garimpo maior que era mais animado, mas por último eu fui em uns pequenos. A gente tem geladeira, televisão, rádio e mesmo assim é difícil tem que olhar para as mesmas caras todo dia, é como se a gente tivesse numa prisão.

De acordo com os nossos colaboradores de pesquisa, os garimpos maiores que aglutinam cem pessoas ou mais são animados, lá ocorrem festas e outras atividades recreativas. Também vão a estes redutos de mineração vendedores de alimentos, roupas e perfumes, músicos e prostitutas, ambos costumam receber em ouro por seus produtos e serviços. Jaciele, uma amapaense de 55 anos, ex- prostituta conta que entre 2002 e 2007 viveu em pelo menos oito garimpos na Guiana.

É assim mana, um lugar cheio de homem na mão, tudo carente, sem fazer nada há não sei quantas semanas. Ai a gente chega arrumada, cheirosa, cheia de amor pra dar pra eles. É uma festa só. A gente dança com eles, é uma vida muito sofrida que eles tem. Mana teve um velhinho do Maranhão que se apaixonou por mim, ele me dava tudo que ganhava na semana. Eu só não fiquei rica porque teve uma colega minha invejosa que me roubou tudo.

Há registros de jovens menores de idade traficadas do Amapá para a Guiana Francesa e exploradas sexualmente. Tais jovens costumam acompanhar mulheres mais velhas e até mesmo familiares que as persuade a ir para o país vizinho. Há casos de mulheres maiores e menores de idade que são levadas mediante propostas de emprego em outras atividades, mas quando chegam aos garimpos são obrigadas a se prostituir.

No garimpos maiores costuma existir uma espécie de vila onde moram os garimpeiros, são as chamadas corruptelas, além das moradias dos garimpeiros, estes locais alocam vendas de mantimentos, bebidas, utensílios domésticos. Nestas vilas, são recorrentes atividades como bingos, leilões e festas.

A prospecção no leito dos rios não é usual na Guiana Francesa, quase todos os garimpos por lá extraem ouro do solo. Em se tratando da estrutura para este tipo de mineração, na maior parte dos garimpos são utilizadas máquinas pesadas e caras. Depois de desmatado um determinado trecho da floresta ou montanha, retroescavadeiras são utilizadas para afrouxar o solo que, em seguida, é umedecido com bombas hidráulicas de grande porte, junto com a água são inseridas na terra grandes quantidades de mercúrio para facilitar a retirada do ouro. A partir daí a procura pelo metal ocorre em máquinas próprias para este fim, são as chamadas plantas de lavagem, em que todo o solo que recebeu água e mercúrio é examinado, visando a extração de pepitas de ouro.

Uma das consequências dos garimpos que mais preocupa governos e instituições de segurança pública na Guiana Francesa é o desmatamento da floresta tropical e uso do mercúrio, componente químico que causa poluição de grande alcance no ar, no solo e o leito dos rios, causando a morte de peixes e outras formas de vidas nas águas fluviais. Outro ponto que faz com que as polícias francesas intensifiquem o combate aos garimpos ilegais é o aumento das estatísticas criminais nas regiões em que se localizam tais redutos de mineração. Além de envolver várias infrações à lei, a mineração ilegal tende a atrair grande quantidade de assaltantes que adentram a floresta no intuito de atacar os garimpeiros na travessia até o Oiapoque no Brasil ou mesmo no percurso para cidades da Guiana Francesa.

Por se tratar de uma atividade em que há possibilidade de confronto com assaltantes e também com a Polícia francesa, o uso de armas é corriqueiro entre garimpos clandestinos na Guiana Francesa por homens, mulheres e até por crianças. Não raro, são registradas mortes por conflitos entre garimpeiros. Em uma operação destinada a localizar e desativar garimpos na região de Dorlin, em 2013, dois policiais franceses foram mortos a tiros quando desciam de rapel de um helicóptero. Esta ocorrência teve grande repercussão na Guiana e causou constrangimentos diplomáticos ao Brasil. Um dos nossos colaboradores de pesquisa, seu Tião, garimpeiro de 67 anos, afirma:

Eu conheço garimpos em todos os lugares, mas lá é mais perigoso, o povo se arma até os dentes. Até criança anda armada lá. Acho que é porque não tem cidade perto, o garimpo é proibido, não tem ninguém para olhar por nós, aí a gente bota a confiança na arma.

Embora parte do armamento utilizado por brasileiros em garimpos na Guiana Francesa, seja levado do Brasil, a maioria das armas, sobretudo as de grande porte são adquiridas na Guiana Francesa, onde é liberado o comércio de espingardas para caça, armamento pesado que têm grande poder de destruição.

Em se tratando da logística de deslocamento entre os garimpos nas florestas e as margens dos rios, o transporte mais utilizado nos garimpos são quadricículos com tração nas rodas traseiras, nestes veículos são levados dezenas de quilos de ouro até a margem do Oiapoque e são trazidos variados tipos de mantimentos, utensílios, objetos e equipamentos utilizados nos garimpos.

O ouro retirado na Guiana costuma ser vendido na cidade de Oiapoque, onde já na beira do rio, encontram-se pelo menos doze postos comerciais de compra do mineral. O proprietário de uma dessas casas, é residente em Macapá e me assegurou que:

sempre vai haver comprador pra esse ouro. Tem muita procura e muita venda, a gente não tem como saber de onde vem, a pessoa chega na Casa de Câmbio pra vender, eu não tenho como saber de onde ela extraiu. Minha função é comprar, eu sou comerciante, eu compro ouro. Ai você me diz, vem da Guiana, é ilegal, e eu respondo eu não tenho nada a ver com isso, quem tinha que ter impedido ele de chegar na minha porte era a Polícia da Guiana ou a nossa. Depois que o cara chegou no meu estabelecimento com o ouro dele, ele pode dizer o que quiser.

Entre os posto de compra de ouro no Oiapoque, apenas cinco são casas autorizadas pelo Banco do Brasil e declaradas na Receita Federal, procedimento que torna legal o metal comercializado por estes estabelecimentos. Vale ressaltar que na documentação apresentada para regularizar o ouro que compram e vende, estes postos comerciais afirmam ser "Oiapoque" o local originário o metal, mesmo sendo amplamente sabido que não há mais garimpos no município. Este é apenas a ponta do *iceberg*, pois a maior parte do ouro pilhado e contrabandeado da Guiana sequer é declarado, circula ilegalmente por postos de compra e joalheiras que não os registram na Receita Federal ou Banco do Brasil.

Conforme me assegurou alguns entrevistados, existem até mesmo comerciantes de ouro que enviam subordinados até os garimpos, estes se encarregam pelo transporte do metal das florestas na Guiana Francesa até a cidade do Oiapoque. O pagamento ao dono do garimpo e aos garimpeiros é feito por meio de depósitos em suas contas bancárias. Nestes casos, há uma participação direta e efetiva dos postos de compra no contrabando do ouro para o Brasil, além de receptação do recurso natural pilhado do país vizinho. Um dos garimpeiros que entrevistamos afirmou que:

Pra gente é bom fazer desse jeito, primeiro porque chegar até aqui com ouro a gente fica sujeito a assalto. Teve camaradas nossos que já morreram no meio da mata. E também porque com uma conta eu faço assim deixo o cartão com minha mulher, eu

tenho dois cartões, um credicard e outro visa, eu fico com o visa e minha mulher com o credicard, assim eu digo a ela: tem tanto, ela vai lá e tira. Ai eu não preciso vir aqui toda semana deixar dinheiro da feira, ela mesmo tira no banco.

Tanto o ouro em barra como peças do metal já trabalhadas costumam ser vendidos a joalherias de Macapá e de outros estados do país. Um dos nossos interlocutores descreveu um esquema de venda e transporte ilegal de ouro em que barras saíam do Oiapoque em *off roads* que transportam pessoas e mercadorias da cidade até a capital do estado, localmente denominados "piratas". De Macapá, o metal seguiria para sofisticadas joalherias de São Paulo, seriam transportadas ilegalmente por funcionários de uma companhia aérea, sem que houvesse declaração ou registro deste transporte no aeroporto de partida, nem no de chegada.

Em se tratando dos mantimentos e equipamentos de mineração que os trabalhadores de garimpos localizados nas florestas guianenses compram em Oiapoque, os comerciantes da cidade, assim como quase toda a população, sabem a destinação desta mercadoria. Todo o material atravessa a fronteira sem documentos oficiais, o que torna ilegal sua saída. Existem lojas na cidade especializada em materiais para a mineração. Nestas lojas são vendidos canos, bombas d'água, geradores, dentre outros produtos. Assim como os comerciantes do ouro, o dono de loja de material de mineração com quem conversamos também se isentou de responsabilidade com os ilícitos transfronteiriços relacionados aos garimpos:

É o seguinte, a gente vende esse material, a gente paga impostos, toda a mercadoria é certinha, a gente não vende droga, a gente não vende armas, o que o cliente vai fazer com o que ele compra é da conta dele. Eu vendo na minha loja. Eles vêm comprar aqui. É tudo muito honesto.

Tanto a mercadoria para os garimpos como o ouro chegam e sai do Oiapoque em embarcações de pequenos porte, as catraias. Os catraieiros levam pessoas e equipamentos até determinados trechos da floresta de onde os garimpeiros partem a pé para os garimpos. O trânsito de mercadoria em sua maior parte ocorre no escuro da noite, mas quando se trata de pessoas e equipamentos de pequeno porte as idas vindas

se dão durante o dia. Maquinas como retroescavadeiras e bombas d'água, envolvem maiores cuidados e custos para chegar até os garimpos. Dada a extensão dos rios e da floresta, a repressão aos garimpos e aos trânsito de pessoas e mercadorias que os envolvem se torna bastante difícil para as Polícias francesas.

Sem substancializar o legal e o ilegal como domínios previamente dados, nossa análise se orienta pela reflexão foucaultiana acerca dos dispositivos jurídicos. Em *Vigiar e Punir* (1997), Foucault desloca a discussão da oposição entre legal e ilegal para focalizar os modos como as leis operam, não para prevenir ou reprimir os ilegalismos, mas para diferenciá-los, "riscar os limites de tolerância, dar terreno para alguns, fazer pressão sobre outros, excluir uma parte, tornar útil outra, neutralizar estes, tirar proveito daqueles" (FOUCAULT, 1997, p. 227) As leis são apresentadas como campos de força que podem se redefinir e se deslocar de acordo com as formas de controle e critérios de incriminação dessas práticas e atividades, oscilando entre tolerância e repressão conforme contextos e conjunturas políticas. Ao invés da oposição entre legal e ilegal, Foucault chama a atenção para uma "economia política dos ilegalismos" que não tem a ver com universos paralelos, muito menos com oposição entre lícito e ilícito. É nas suas intersecções e pontos de contato que se circunscrevem jogos de poder, relações de força e campos de disputa. Deste modo, leis e codificações passam a ter efeitos de poder.

Em Foucault(1975), o ilegal não resulta do funcionamento anormal ou amoral da sociedade, são desdobramentos possíveis em um mundo definido pela lei. Assim, a distinção legal / ilegal não é uma separação dada *a priori* para setores do funcionamento do social, mas constitui uma forma de se estabelecer distinções, reiterar desigualdades e de se aproveitar oportunidades: o ilegalismo não é um acidente, uma imperfeição mais ou menos inevitável. É um elemento absolutamente positivo do funcionamento social, cujo papel está previsto na estratégia geral da sociedade. Todo dispositivo legislativo dispõe de espaços protegidos e aproveitáveis em que a lei pode ser violada, outros em que pode ser ignorada, outros enfim, em que as infrações são sancionadas. Ao final de contas, de acordo com Foucault a lei não é feita para impedir tal ou qual comportamento, mas para diferenciar as maneiras de tornear ou contornar a própria lei. (FOUCAULT, 1975p.80). Neste raciocínio, os ilegalismos correspondem a um conjunto de atividades de diferenciação, categorização e hierarquização acionadas por dispositivos que fixam e isolam suas formas e tendem a organizar a transgressão das leis em uma tática geral de sujeições (Foucault, 1975).

É justamente nos agenciamentos de "contorno da lei" que práticas e personagens abordados na nossa pesquisa transitam e produzem conexões entre os universos do lícito e do ilícito. A noção foucaultiana de ilegalismo possibilita a compreensão deste trafegar incessante entre o legal, o informal e o ilegal, operada por diferentes agentes entre os garimpos na Guiana Francesa e a cidade de Oiapoque. São ilustrativas as rotinas de variados personagens atuantes na fronteira franco-brasileira, tratam-se de garimpeiros, empresários e políticos do Oiapoque donos de garimpos na Guiana, compradores de ouro, comerciantes de equipamentos para a mineração, prostitutas, donos de postos de compra de ouro, pessoas que vendem mantimentos nos garimpos, catraieiros dentre outros. Estão todos a se equilibrar nas fronteiras borradas entre o lícito e o ilícito ao longo de percursos descontínuos, mobilizados conforme o momento e as circunstâncias, parecem transitar em tênues fronteiras jurídicas e morais, exercitando o que Teles(2009) chama de "arte do contornamento", ou seja, agenciamentos mobilizados para evitar os riscos alojados nas dobras de "fronteiras porosas" entre o que está fora e o que está dentro da lei. (Telles, 2009).

Quando observamos portanto, as redes de relações que possibilitam o funcionamento dos garimpos clandestinos na Guiana Francesa, chamam a atenção os pontos de contatos e vínculos entre atividades legais e ilegais. Tais experiências assumem relevância para a análise porque subvertem “grandes divisores” ou “fissões” que o senso comum e até mesmo as ciências sociais instituem a partir de categorias como “mundo do crime”, “submundo”, "economia legal", dentre outras. Tais elaborações que fazem pensar em uma separação categórica entre um suposto “mundo das práticas legais” e outro, por vezes tido como “subterrâneo” ou “marginal”, das ilegalidades deixam de fazer sentido(Aquino, 2010). A mineração ilegal evidencia interseções entre atividades lícitas e ilícitas. Conforme demonstram narrativas e informações obtidas, o universo dos garimpos projetam redes de relações que atravessam pessoas e objetos e interseccionam o legal e ilegal(Latour, 2005).

Junto com categoria foucaultiana de ilegalismos, a ideia de rede de Latour (2010) é uma inspiração bastante relevante para pensarmos as práticas e agentes implicados na corrida do ouro na Guiana Francesa, projeta-se uma complexa rede conectando donos de garimpos e seus homens de confiança, garimpeiros, escavadeiras, motores, bombas d'água, cozinheiras, mantimentos, barraca, rios, catraieiros, policiais franceses, compradores de ouro, comerciantes do Oiapoque, prostitutas, armas,

assaltantes, dentre outros personagens. Decerto, o agente que dar impulso à tal rede e garante seu funcionamento é o ouro guianense, é por causa deste mineral que brasileiros se embrenham nas matas da Guiana Francesa. O ouro conecta jazidas de ouro do país vizinho e estes homens com a economia mundial e as oscilações de preços do mercado internacional, dependendo destas variações há maior ou menor procura das joalherias e postos de compra e, conseqüentemente, diminui ou aumenta o valor do grama do ouro. Também são agentes desta rede, bancos e bolsas de valores do mundo que interferem decisivamente no valor do ouro. O que conecta o ouro imerso nas florestas da Guiana Francesa e as longas jornadas de trabalho ilegal e em condições precárias, expostos a riscos variados são sonhos, desejos e ambições dos garimpeiros. Estes homens não buscam apenas um trabalho que lhes garanta o sustento, eles sonham com as imensas e valiosas pepitas de ouro capazes de lhes tornar, subitamente, homens ricos (Latour, 2005).

Efetivamente, pessoas e práticas situadas nos supostos domínios do “legal” e do “ilegal” estão conectadas pela corrida do ouro. O funcionamento desta rede que estabelece pontos de contato entre florestas da Guiana e o mundo depende não só dos brasileiros que adentram ilegalmente o país vizinho para pilhar o seu ouro, um conjunto de outros personagens e atividades legalizadas e regulares dão suporte à mineração ilegal na Guiana Francesa. São removidas fronteiras entre a entidade que costumamos denominar “sociedade” ou “mundo do não-crime” e o domínio de relações considerado “submundo” ou “mundo do crime”. Tais categorias de análise abstratas e substancialistas, que instituem fissões entre pretensos domínios, tendem a perder sua razão de ser quando confrontadas a situações e exemplos concretos (Aquino, 2010).

2.Oiapoque (ou a grande "corrutela") e seus garimpeiros.

Há um fluxo constante entre dezenas de garimpos na Guiana Francesa e a cidade do Oiapoque, basta permanecer algumas horas na margem do rio e é possível observar esta intensa movimentação. Garimpeiros chegam a Oiapoque a bordo de catraias, outras embarcações saem da cidade com pessoas, mantimentos e equipamentos de mineração com destino aos garimpos, o trânsito é permanente. Da margem do rio muitos garimpeiros se dirigem para postos de compra de ouro no intuito de vender suas pepitas. Enquanto permanecem na cidade costumam comprar mantimentos e roupas. Alguns vão

às farmácias em busca analgésicos, antitérmicos, vitamina C e outros medicamentos que podem comprar sem receita médica. Muitos são frequentadores recorrentes de bares e boates da cidade. Quando apuram quantias maiores na venda do ouro, costumam ficar hospedados em hotéis e pousadas de Oiapoque, alguns permanecem até o dinheiro acabar. Uma parte destes homens tem conta em banco e depositam uma fração do que ganham para familiares residentes em outros estados do Brasil, mas não são raros os que gastam tudo com bebidas e prostitutas. Chamada por alguns moradores de "corrutela-mãe", a cidade constitui um ponto de apoio importante para a mineração, não só para os garimpos da Guiana Francesa, mas também de alguns municípios vizinhos, como Lourenço e Cassiporé.

A vinculação de Oiapoque aos garimpos não é recente, sua emancipação e crescimento populacional estão diretamente relacionados à prospecção de ouro. O lugar em que hoje está a cidade teria sido, inicialmente, uma aldeia dos índios oiampis, o termo Oiapoque é de origem Tupi (oyap oca) e significa "Casa dos Oiampis" ou "casa dos guerreiros ou parentes". Mais tarde, durante o ciclo de mineração que ficou conhecido como a "febre de ouro no final do século XIX", a região foi habitada por imigrantes créoles e antilhanos, formando-se uma vila que recebeu a denominação de Martinica. O povoado se desenvolveu servindo de ponto de apoio e de lazer para os garimpeiros e do trabalho dos seus habitantes em usinas de extração de essências de madeiras ao longo do rio Oiapoque. Devido a proximidade com as terras da França (com quem Portugal e, posteriormente o Brasil, teve um contestado de mais de dois séculos para a demarcação da fronteira), já em 1907, o governo federal criou o primeiro Destacamento Militar do município, que servia de abrigo a presos políticos. Para consolidar a soberania nacional na região, foi erguido um monumento à pátria, indicativo do marco inicial do território brasileiro. Mas só em 1945, a vila foi emancipada.

As demandas relacionadas à mineração ilegal e sua condição de ponto logístico de passagem para a Guiana fez com que Oiapoque desenvolvesse o comércio e viesse se tornar o quarto município mais populoso do Amapá. Ao longo de sua História, a cidade vêm respondendo aos surtos da mineração, funcionando como centro de abastecimento dos garimpos e de opção de lazer para os garimpeiros. Oiapoque também foi o local em que dezenas de garimpeiros que conseguiram extrair do solo ouro em elevadas quantidades e peso investiram em imóveis, terras e comércios. Parte dos nossos

interlocutores de campo ressaltou que diversos proprietários de hotéis, grandes comércios e até mesmo alguns políticos, no passado, foram garimpeiros pobres.

A partir dos anos de 1990 a corrida do ouro tomou a direção da Guiana Francesa. A descoberta de jazidas nas reservas guianenses foi seguida por significativo aumento na venda de peças de ouro em países como Índia e China, o que resultou em aumento do preço do grama deste metal no mercado internacional. Tal valorização, contribuiu para que pessoas oriundas de diversos estados do Brasil buscassem a cidade Oiapoque, de onde partem para a Guiana Francesa. Desde então, tem sido incessante o fluxo de pessoas em direção ao país vizinho no intuito de tomarem parte na mineração ilegal.

Nas últimas décadas, Oiapoque têm vista se transformar em habitantes parte dos migrantes que a mineração atraiu para o município, milhares deles acabaram por lá se fixando. Atualmente, a maior parte dos habitantes do município são oriundos de outros estados do Brasil, sendo mais numerosos os procedentes do Pará e do Maranhão. Também é intenso o movimento dos indígenas que, há décadas, mantêm contatos frequentes com os moradores do município e de algumas comunas da Guiana Francesa, a quem vendem seus artesanatos e produtos agrícolas. Outra presença itinerante na cidade são os funcionários públicos, boa parte deles são servidores federais e estaduais lotados no Oiapoque, mas que aguardam uma oportunidade para serem transferidos .

Além da relevância econômica dos garimpeiros para diversos ramos do comércio de Oiapoque constatamos também a relevância simbólica destes personagens para a História, o cotidiano e a identidade da cidade. A mineração ilegal efetuada por brasileiros na Guiana Francesa não suscita reprovações morais tão fortes, quanto o respeito e admiração que a população do município demonstra pelos garimpeiros. Embora haja a consciência de que os garimpos clandestinos na Guiana Francesa envolvem variadas formas de infrações da lei, a maior parte das pessoas com quem conversamos ressaltaram seus pontos positivos. A mineração ilegal é percebida como uma atividade que gera empregos e oportunidade de "melhorar a vida". Os garimpeiros são, recorrentemente, associados à adjetivos como "trabalhador", "corajoso" e "sonhador" . É ilustrativa de uma certa simpatia com estes personagens a fala de Silene, uma jovem professora do ensino primário em Macapá, natural do Oiapoque:

S- Pra mim, eles são heróis, a vida deles é de muita batalha e sofrimento.

É preciso ter coragem e vontade de vencer na vida para ser garimpeiro,

muitas vezes eles nem dormem, entra o dia sai a noite, entra a noite sai o dia e eles no trabalho.

J- Mas você não acha complicado eles entrarem na Guiana Francesa sem autorização, pegar o ouro deles e ainda causar danos à floresta?

S- É deles pela lei, mas a lei não é justa, eu não acho justo que quem está lá na Europa tenha mais direito de entrar na Guiana do que a gente aqui que tá vizinho. Nós todos somos descendentes de índios, isso aqui é mais nosso do que da França. Você nem imagina como eles tratam a gente mal. Se a gente do Oiapoque vai a Saint George, se tenta ir na parte das residências, eles escorraçam a gente. trata a gente como marginal. Eu não fico contra os garimpeiros pra defender os franceses que se apossaram de terra aqui no nosso continente e se acha superior a todos nós.

J- E sobre a floresta, você não acha ruim eles destruírem a floresta?

Acho, mas eles fazem isso por que precisam trabalhar, a culpa é de quem tem garimpo, eles têm máquinas, derruba as plantas, escava a terra. Os garimpeiros são trabalhador, eles arriscam a vida pra melhorar de vida. Se morre um hoje no trabalho, amanhã aparece dez. Quem manda em tudo é o dono do garimpo.

Nossa interlocutora, além de demonstrar respeito e admiração pelos garimpeiros, opera uma relativização moral de uma série de infrações às lei francesas cometidas por estes homens. A forma como Silene e outras pessoas residentes no Oiapoque e em outras cidades do Amapá com quem conversamos interpretam e avaliam as condições e práticas destes brasileiros na Guiana Francesa permitem vislumbrar algumas matizes das "economias morais" ali implicadas. Embora as infrações a lei efetuadas pelos garimpeiros sejam admitidas por nossos interlocutores, algumas condições e motivações destes personagens são acionadas para redimi-los moralmente.

Para Didier Fassin (2015) "economias morais" representam a produção, a circulação e apropriação dos valores e seus efeitos em um espaço social dado. Ele ressalta que valores e julgamentos morais nunca podem ser pensados como absolutos ou categóricos, nem permanecem inalterados em diferentes períodos e contextos, referem-

se a momento históricos particulares e a mundos sociais específicos. Embora as "economias morais" tenham relações e sejam orientadas por leis instituídas, seus desdobramentos não se reduzem a positivar o que está dentro da lei e a negativar o que está fora dela. Um dos elementos que explicariam eventuais descompassos entre imperativos jurídicos e julgamentos morais seriam as "subjetividades morais", estas demarcam uma certa independência da moral em relação a codificações mais abstratas e generalizantes. Seria a partir das subjetividades morais que os indivíduos orientariam suas ações e escolhas éticas na relação deles mesmos com os outros. Em certos contextos, as subjetividades morais testemunham a autonomia e a liberdade dos agentes, sobretudo em situações em que valores opostos entram em conflito, refletindo-se em sentimentos contraditórios, capazes de gerar as tensões. De acordo com Fassin (2013), as subjetividades morais podem atuar sobre os atores de modo consciente, resultando de uma reflexão ou de um dilema, mas também podem se fazer efetivas em gestos ordinários procedentes de uma simples atenção. Economias morais e subjetividades morais se fazem efetivas na atividade cotidiana dos atores e instituições da sociedade, podendo ser observadas nas respostas que apresentam em situações concretas.

Nossos interlocutores quando interpelados sobre os garimpos na Guiana Francesa descortinam uma "economia da moral" atuante no Amapá em que a sensibilidade às longas jornadas de trabalho enfrentadas por garimpeiros, a condição de trabalhadores explorados por ricos proprietários de garimpos e a truculência com que são tratados pela Polícia francesa acaba por desencadear simpatia e solidariedade a estes personagens. Trata-se de dimensões subjetivas e emocionais que acabam tendo um peso muito mais forte do que normatividades jurídicas na construção de solidariedades, apoios e julgamentos morais positivos por parte dos nossos interlocutores em relação aos brasileiros atuantes nos garimpos localizados nas matas da Guiana Francesa.

Essa visão permeada por uma certa condescendência aos garimpeiros, vistos como trabalhadores que se submetem a longas jornadas de trabalho em condições precárias e que são explorados pelos donos de garimpos foi reiterada por alguns agentes da PAF com quem conversamos em Saint Georges. Um dos agentes com quem conversamos ressaltou que os verdadeiros responsáveis pela disseminação da mineração ilegal na Guiana Francesa são comerciantes e empresários do Oiapoque, pessoas de alto poder aquisitivo que investem muito dinheiro na mineração ilegal nas terras francesas, mas que nunca cruzam a fronteira e, assim, não são atingidos pelas operações de

combate e repressão aos garimpos clandestinos. Parece estar disseminada entre os policiais franceses, a percepção de que os garimpeiros são apenas o segmentos mais vulnerável e "dominado" da mineração ilegal e que prender estes trabalhadores, enquanto seus "patrões" permanecem impunes, não equacionará os garimpos, percebidos seja em sua dimensão de ocorrência criminal ou e problema social.

Apesar da relativização moral em relação aos garimpeiros empreendidas pela maior parte das pessoas com quem conversamos no Oiapoque e em outros municípios do Amapá, quando falávamos sobre as infrações legais associadas à mineração ilegal, estes mesmas pessoas esboçaram fortes reprovações a estes homens quando se referiam ao desempenho dos mesmos nos papéis de marido, às formas como conduzem a vida sexual e aos elevados gastos com prostitutas e bebidas. Foram recorrentes as narrativas de sofrimento na vida conjugal, vivenciada por moças da cidade que têm maridos ou namorados garimpeiros. Dona Zilda, paraense de 53 anos, que trabalha como arrumadeira em um hotel no Oiapoque afirmou:

Eu tive uma sobrinha que casou com um garimpeiro, mas foi um casamento só pra sofrer. Teve uma vez que ele ficou mais de um ano sumido nos matos, sem aparecer, ela já dava ele como morto, aí ele pareceu, tinha pegado um bocado de doença das raparigas, teve que ficar muito tempo tomando remédio. Ele gostava muito de briga, de dar tiro pra cima, batia nela em casa. Tinha vez que vinha rico cheio de ouro, mas no instante se acabava e ela ficava passando necessidade.

As idas frequentes dos garimpeiros a bares e bordeis nas cidade desencadeiam avaliações negativas sobre a vida sexual e as atividades recreativas desses homens. O senhor Valdir, natural do Maranhão, proprietário de um restaurante em Oiapoque, observa que:

Eu moro aqui há mais de vinte anos e nunca vi nenhum descendo da catraia e ir correndo pra igreja, eles vão é direto para os cabaré, vem pra cá com uma coceira, atrás de bebida e mulher de vida fácil. No fim de semana isso aqui fica cheio de garimpeiro e dessas mulheres que eles arruma por causa do ouro.

Algumas pessoas demonstravam surpresa e alegam dificuldade em compreender como os trabalhadores de garimpos que enfrentam risco e sofrimento em suas rotinas de trabalho no país vizinho, gastam tão rapidamente o dinheiro que conseguem ganhar e com finalidades não entendidas como viáveis. José Carlos, natural de Porto Alegre e residente no Oiapoque há oito anos, funcionário de uma padaria afirma:

Eu vejo isso e fico triste, eu não entendo como alguém que vive no meio do mato, que sofre pra "vencer na vida" pode fazer um papel desse. Eles não fazem nada de futuro com o dinheiro. O negócio deles é gastar tudo aqui com cachaça e com puta. Em um dia aqui eles gastam o dinheiro do mês todo.

Juarez, Policial Militar que estava a serviço da Força Nacional no Oiapoque, no primeiro semestre de 2013, tem uma visão parecida com a de José Carlos sobre o lazer e a forma como os garimpeiros gastam o dinheiro que obtêm com bastante esforço:

É uma rotina autodestrutiva. Não posso dizer que todos são assim. Uns mandam dinheiro para família. Existe homens ordeiros entre eles. Mas o que tem de gente sem discernimento não é brincadeira. Muitos se acabam na cachaça e nos bordéis. Eles vivem uma vida de escravos nos garimpos, mas chegam aqui e se dão ao luxo de ser rei por um fim de semana. Depois disso voltam de novo pra sofrer no garimpo.

Muitos aspectos do cotidiano dos garimpeiros, suas formas de vivenciar e conceber o trabalho, o lazer, o presente e o futuro evidenciam similaridades deste personagem com o "tipo aventureiro" delineado por Buarque de Holanda no clássico *Raízes do Brasil*. Buarque de Holanda assinala nas formas de vida coletiva dois princípios que se "combatem e regulam diversamente as atividades dos homens." Tais princípios, de acordo com o autor, encarnam-se nos tipos "aventureiro" e "trabalhador". Para o "aventureiro", o objeto final ou o ponto de chegada, assume tamanha relevância

que todos os processos intermediários são tratados como secundários ou quase supérfluos. Seu ideal seria "colher o fruto sem plantar a árvore" (Buarque de Hollanda, 2004:44).

Esse tipo humano ignora as fronteiras. No mundo tudo se apresenta a ele em generosa amplitude e, onde quer que se erija um obstáculo a seus propósitos ambiciosos, sabe transformar esses obstáculos em trampolim. Vive dos espaços ilimitados, dos projetos vastos, dos horizontes distantes. O trabalhador, ao contrário, seria aquele que enxerga primeiro a dificuldade a vencer, não o triunfo a alcançar. O esforço lento, pouco compensador e persistente, que, no entanto, mede todas as possibilidades de desperdício e sabe tirar o máximo proveito do insignificante, tem sentido bem nítido para ele. Seu campo visual é naturalmente restrito. A parte maior do que o todo. (BUARQUE DE HOLLANDA, 2004: 44)

Apesar de os brasileiros que trabalham ou trabalharam em garimpos na Guiana, com quem tivemos oportunidade de conversar, terem narrado rotinas de trabalho marcadas por muito esforços em condições precárias, é possível identificar em suas trajetórias e motivações muitas características do tipo aventureiro elaborado por Buarque de Holanda. Essa dimensão de aventura se coloca sobretudo na coragem que ressaltam como necessária à atividade e o sonho de se tornarem homens ricos em curtos intervalos de tempo. Embora sejam muito raros os que alcançam este objetivo, "ficar rico" é um ideal disseminado entre garimpeiros.

Outro indicativo desta dimensão de aventura concernente aos que atuam da mineração ilegal é a forma como veem os que trabalham nas empresas de mineração. Para alguns garimpeiros, os funcionários das mineradoras, não podem ser considerados garimpeiros por não ter a rotina tortuosa e incerta dos que trabalham nos garimpos clandestino. Antônio, de 34 anos, natural do Pará, assinala:

Quem trabalha em empresa não tem vida ruim não, a gente corre da Polícia, dorme de rede, come de qualquer jeito, aguenta picada de mosquito e só continua vivo porque Deus quer. O pessoal das empresa têm boa dormida, têm dinheiro certo todo mês, mas também o dinheiro

deles é o mesmo valor e nunca aumenta, eles pode achar dez quilos de ouro que o salário deles não aumenta um centavo.

A vontade de ascender socialmente é muito forte entre estes homens, alguns almejam apenas uma casa grande para morar com a família, mas outros sonho em comprar fazendas, rebanhos e até aviões. Em um restaurante do Oiapoque, Seu Juca, um garimpeiro de 52 anos, que tem o hábito de frequentar bares e boates da cidade e gostar elevadas quantias, contou-nos sobre suas expectativas de enriquecimento:

Juca- Hoje você me vê aqui sem ter nem uma bicicleta pra andar, mas amanhã eu posso tá milionário. A sorte de um homem muda de uma hora pra outra, você não acredita.

Se o senhor fosse juntando o dinheiro dessas pedrinhas que o senhor encontra o senhor não já teria uma casa? Um carro?

Juca- Não é assim não, quando Deus achar que é a minha hora se ser rico ele vai me mostrar um pedregulho de ouro bem grande, não dar pra ficar rico com poeira não. Faz tempo que eu tenho esse palpite, minha sorte está para mudar e vai ser asse ano.

Se o senhor achar não vão roubar o senhor? Podem tentar matar o senhor pra roubar o ouro.

Juca- Eu tenho tudo certa na minha cabeça, boca fechada, não vou dar na vista de ninguém. Eu sei como a quem vou vender bem longe daqui.

Tal como o tipo aventureiro esboçado por Buarque de Holanda, nosso interlocutor não entende que o enriquecimento esteja ligado a um esforço continuado e soma de pequenas quantias adquiridas em uma longa trajetória de trabalho. Para ele, é possível uma "virada" na rotina suscitada por mudança na sorte que o fará encontrar em um mesmo dia uma grande pepita de ouro que o transformará em um homem rico.

A ética protestante, tal como exposta por Weber (1981) não requer apenas esforço e disciplina no trabalho, mas todo um estilo de vida pautado pelo ascetismo secular cujas marcas seriam austeridade e sobriedade. Conforme observa Weber (1981) os protestantes calvinistas não apenas trabalhavam bastante e disciplinadamente, mas também se eximiam de despesas supérfluas, gastos com ostentação e prazeres, desta

maneira conseguiam acumular elevadas somas que vieram a ser reinvestidas na produção, possibilitando a revolução industrial. Expressa ou implicitamente, desde o século XVIII, o ideal de ascensão social de pobres e classes médias urbanas tem sido fortemente orientado pela ideia de que o trabalho árduo somado ao controle de gastos e poupanças promovem a melhorias nas condições de vida. Trabalhadores e classes médias que conseguem guardar parte do que ganham com tais economias acabam por adquirir bens identificados com ascensão social, tais como carros e casa própria ou mesmo o custeio de serviços como escola particular e plano de saúde privado para a família. Ao adotar uma ocupação, embora marcada por esforço, baseada na expectativa de ganho de elevadas quantias em curtos intervalos de tempo, uma parte dos brasileiros engajados em garimpos ilegais na Guiana Francesa renunciam ao ascetismo e não se importam em gastar o dinheiro que ganham com bebidas, festas e prostitutas. Não faz sentido para uma parte destes homens ir gradativamente juntando o que ganham, tendo em mente fazer uso destas quantias posteriormente. Já que sua atividade laboral é arriscada e incerta, entendem que é viável experiências que lhes satisfaçam desejos e vaidades. Se Juca afirma:

Eu não quero saber de fazer poupança não porque se eu morrer, eu morri e acabou. A terra vai me comer. Eu não aguento ficar no garimpo arriscando a vida e vir pra não aproveitar nada pra guardar dinheiro no banco.

Além dos gastos com mulheres, bebidas e festas, uma parte do ouro que os garimpeiros encontram no solo costumam ser utilizada em adornos para eles mesmos e para familiares. Seu Juca, assim como outros garimpeiros e seus familiares, exibiam dentes de ouro, anéis, pulseiras e cordões dourados bem fornidos. No Oiapoque e em outras cidades do Amapá, a simpatia pelos garimpeiros e a mineração, em larga medida, é manifestada na indumentária corporal das pessoas, algumas envolvem os dentes com longas camadas de ouro, outras implantam letras do alfabeto em toda a arcada dentária, formando o próprio nome ou o dos seus genitores, esposa e filhos, também vimos casos de pessoas que implantaram das letras iniciais de entes queridos no incisivos centrais e laterais, tornando visível a homenagem sempre que falam ou sorriem.

Nas trajetórias de uma parte dos homens que trabalham em garimpos ilegais nas matas guianenses as tensões e provações de uma atividade arriscada é alternada pelo prazer ostentação. Evidencia-se a opção por modelos de vida mais marcados pela

intensidade do que pela busca de autopreservação. Nestes casos, prioriza-se 'aproveitar o momento' ou 'viver o agora', os protagonistas não se eximem de certos prazeres do tempo presente tendo em mente satisfações e ganhos futuros. Se sistemas culturais como religião e medicina impõem práticas e posturas que visam a autopreservação e se traduzem no ideal de uma vida longa, farta e saudável, uma parte dos garimpeiros que trabalham na Guiana Francesa e fazem da cidade de Oiapoque se polo de lazer empreendem uma ruptura com tais modelos. Estes homens também têm desejos a ser realizados no futuro, mas não se mostram dispostos a renúncias a experiências e prazeres presentes possibilitados pelo dinheiro que obtêm pela venda do ouro que garimpam. Embora o futuro seja considerado, não se tem interesse em renunciar a gastos com festas, mulheres e bebidas em nome dele. É recorrentes que as expectativas em relação ao futuro sejam identificadas com mudança "na sorte", o que corresponde a ficar rico repentinamente, conseguindo retirar do solo grandes quantidades de ouro em poucos dias.

Algumas considerações finais.

A grande quantidade de garimpos clandestinos protagonizados por brasileiros nas florestas da Guiana Francesa têm resultando em embaraços ao Brasil nas relações diplomáticas com a França. Desde meados dos anos 2000 o governo francês vem pressionando o Brasil por colaboração e auxílio no combate à mineração ilegal. Em 2008, durante uma visita dos presidentes Lula e Nicolas Sarkozy à Guiana Francesa, foi firmado um acordo de cooperação entre seus países para prevenir e combater contra a exploração ilegal de ouro em áreas protegidas da floresta. Deste acordo, resultou a operação *Harpie*, que se baseia na cooperação entre autoridades judiciárias, administrativas e militares francesas e brasileiras. Embora firmado pelos dois presidentes, o acordo que já foi ratificado pelo parlamento francês ainda não foi aprovado pelo congresso nacional brasileiro, esta protelação tem feito a França desconfiar sobre a disposição do Brasil em combater os garimpos.

Apesar de ter representado um avanço diplomático nas relações entre Brasil e França, o acordo firmado por Lula e Sarkozy, desencadeou uma certa tensão entre poder nacional e poder local no Oiapoque. O prefeito da cidade e alguns vereadores com quem conversamos se mostraram descontentes pelo governo federal não ter ouvido população

do Oiapoque, nem seus representantes políticos antes das negociações com a França. Depois de firmado o referido acordo, as polícias brasileiras, sobretudo a Polícia Federal, passaram a ter uma relação mais próxima com as polícias francesas e se tornaram mais rígidas no combate aos garimpos ilegais na Guiana Francesa, o que na prática resultou em vigilância constante às embarcações que transitam pelo rio Oiapoque, catraias transportando pessoas e equipamentos com destinos a garimpos nas florestas da Guiana francesa vem sendo interceptadas, nestas ocasiões os catraieiros e os tripulantes são detidos e os equipamentos de mineração são destruídos.

A postura do Estado, manifestada na atuação das polícias federal e civil, equipes da força nacional e do Ibama tem desagradado políticos e a população do Oiapoque, ambos fazem duras críticas aos governos estadual e federal, vistos como ausente e desinteressados em apresentar alternativas econômicas para o desenvolvimento da cidade. Na fala de algumas pessoas com quem conversamos, transparece a opinião de que forças do Estado nacional estão agindo contra interesses locais, tanto de poderosos políticos e comerciantes que lucram com a mineração, como de trabalhadores pobres, que encontram nesta atividade ilegal um meio de subsistência.

Embora reconheça que os garimpeiros brasileiros na Guiana Francesa transgridem leis internacionais e causam danos ao meio ambiente, as pessoas com quem conversamos deram mais ênfase ao fato de se tratar de trabalhadores explorados, muitos ressaltaram que quem realmente ganha com a mineração ilegal são os donos de garimpos. Além de serem vistos como trabalhadores explorados e ser predominante o entendimento de que a adesão aos garimpos é decorrente da falta de opções de trabalho na região, outro ponto que contribui para que garimpeiros sejam moralmente absolvidos nas falas de várias pessoas com quem conversamos no Oiapoque é a postura arrogante da Polícia francesa diante de brasileiros. Os moradores de Oiapoque que vão a Saint Goerges fazer compras ou que tentam adentrar ao território ultramarino da França em busca de trabalho têm uma imagem negativa da Polícia do país vizinho, vista como opressora e arrogante. Deste modo, colocar-se ao lado dos garimpeiros é um meio que encontram de repudiar da Police aux Frontières-PAF e da Gendarmerie.

Localizada no extremo norte do Brasil, cercada por parques nacionais e reservas indígenas, o município do Oiapoque, 590km distante de Macapá, acaba experimentando uma condição de isolamento em relação a outras cidades e estados do Brasil. Diante das

dificuldades de deslocamento, já que as vias terrestres são precárias e inexistem voos comerciais, ligando Oiapoque a outras partes do país, há uma forte demanda de acesso às cidades da Guiana Francesa, onde o comércio e os serviços são incrementados. A exigência de visto para entrada deste departamento ultramarino da França e a excessiva vigilância da Police aux Frontières-PAF acabam agravando o isolamento do município, que na fala de alguns moradores foi apresentado como o "lugar onde o cão perdeu as botas" e para onde "só vem quem tem negócio". A atuação das Polícias francesas na fronteira franco-brasileira tem resultado em recorrentes episódios de humilhação a moradores que vão a Saint-Georges atraídos pelo comércio e aos catraieiros, protagonistas do transporte fluvial internacional, ambos colecionam narrativas em que a PAF aparece como intransigente, injusta e intolerante.

Na perspectiva legal que orienta os Estados francês e brasileiro, a condição de ilícito transfronteiriço dos garimpos clandestinos tem peso forte, já que, além de pilhar o ouro francês e contrabandeá-lo para o Brasil, esta atividade ocasiona a devastação da floresta do tropical. Deste ponto de vista, os brasileiros engajados em garimpos clandestinos da Guiana Francesa aparecem como criminosos internacionais, agentes predatórios, que estariam, ainda, atrapalhando as relações entre Brasil e França, tornando-se, assim, prejudiciais e inconvenientes à política externa brasileira.

Por outro lado, quando consideramos a perspectiva local os garimpeiros são vistos com uma certa condescendência, em parte, motivada pela antipatia dos moradores de Oiapoque às Polícias francesas. Ademais, há na cidade de Oiapoque uma visão disseminada de que os garimpos, sejam legais ou ilegais, são economicamente relevantes para o município, garantindo a sobrevivência de milhares de pessoas. Estando a emancipação e a trajetória do Oiapoque vinculada a surtos de mineração, os garimpeiros, não raro, são apontados como os fundadores da cidade. Em larga medida, a recorrente simpatia e relativização moral a tais personagens e a amenização ao fato de que estes homens subvertem fronteiras internacionais e pilham o ouro de um país estrangeiro, ocorre porque os garimpeiros são vistos não só corajosos, dominados e sofredores, mas também como próximos. Por outro lado, a visão da França e do próprio Estado nacional está associada à alteridade, distância física e simbólica. É recorrente entre os moradores do Oiapoque o sentimento de serem esquecidas pelo Estado brasileiro e tidos como indesejáveis pela França.

Referências Bibliográficas

AQUINO, J.P.D. Redes e Conexões Parciais nos Assaltos contra instituições financeiras. Revista Dilemas, Rio de Janeiro, vol. 3, n. 10, 2010

BUARQUE DE HOLLANDA, Sérgio. Raízes do Brasil. São Paulo Companhia das Letras, 2004 26a edição.

CAETANO DA SILVA, J. O Oiapoque e o Amazonas: uma questão brasileira e francesa. Campinas, IFCH-UNICAMP, 2010

FASSIN, Didier. Introduction: Au coeur de l'état. In Fassin Didier(org) Juger, Réprimer, Accompagner. Essai sur la moral de l'état. Paris: Éditions du Seuil, october de 2013

FOUCAULT, Michel. Des supplices aux cellules. Em: Dits et écrits II, pp. 716-720. Paris, Gallimard, 1994.

_____. Vigiar e punir: História da violências nas prisões. Petrópolis, Vozes, 1997.

GANJER, S. La Guyane e le Brésil ou La Quête D'integration Continentale D'un Département Française D'amerique. Thèse de Doctorat de Geographie Aménagement. Université Sorbone Nouvelle-PARIS 3, 2013.

LATOUR, Bruno. (2005), Reassembling the Social: An Introduction to Actor-Network-Theory. Oxford, Oxford University Press.

_____. (1994), Jamais fomos modernos: Ensaio de antropologia simétrica. São Paulo, 34.

NAÍM, Moisés. O ilícito: O ataque da pirataria, da lavagem de dinheiro e do tráfico à economia global. Rio de Janeiro, Zahar, 2006.

RABOSSI, Fernando. Dimensões da espacialização das trocas: A propósito de mesiteros e sacoleiros em Ciudad del Este. Revista do Centro de Educação e Letras, Vol. 6, pp. 151-176 2005.

_____. Fernando. Nas ruas de Ciudad del Este: vidas e vendas num mercado de fronteira. Tese defendida no Museu Nacional da UFRJ em 2006. Orientador: Federico Neiburg.

REIS, A.C.F Território do Amapá: perfil histórico. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1949

RUGGEIRO, Vincenzo. Crime and Markets: Essays in Anti-Criminology. Oxford, Oxford University Press, 2000.

_____. [e] NIGEL, South. The Late City as a Bazaar: Drug Markets, Illegal Enterprise and Barricades. The British Journal of Sociology, Vol. 48, no 1, pp. 54-70, 1997.

SILVA, Gutemberg de V. A cooperação transfronteiriça entre Brasil e França: ensaios e expectativas neste século XXI. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFRJ, novembro de 2013.

SILVA, Gutemberg de V.; RÜCKERT, Aldomar A.. *A Fronteira Brasil-França: mudanças de uso político-territoriais na fronteira entre Amapá (BR) e Guiana Francesa (FR)*. Confins, revue franco-brésiliene de géographie. N. 7, 2009.

SOARES, Christianni L. et. al. Trabalhadores brasileiros na Guiana Francesa: entre a invisibilidade e o desemprego. PRACS - UNIFAP, n. 4, dez 2011 p.129-1

TELLES, V. S. . Nas dobras do legal e do ilegal: ilegalismos e jogos de poder nas tramas da cidade. Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social v. 2 p. 97-126, 2009

THEIJE, Marjo de; HEEMSKERK, Marieke. "O garimpo de ouro na sociedade *maroon* contemporânea do Suriname" Rev. *Teoria e Cultura*. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Juiz de Fora. Vol. 9 N. 2 jul a dez de 2014

WEBER, Max *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. Brasília: Pioneira, UNB, 1981